

Helena Vasconcelos

Não Há Tantos Homens Ricos  
como Mulheres Bonitas  
Que os Mereçam

*«Cá estou eu de novo neste antro de dissipação  
e vício, a dar-me conta de que os meus princípios  
morais estão já em vias de serem corrompidos.»*

Jane Austen,  
numa carta de Agosto de 1796,  
ao chegar a Londres.



É certo e sabido...



É CERTO E SABIDO, e por maioria de razão, que, em pleno século XXI, quando uma mulher jovem, inteligente, independente, dotada de curiosidade e energia, decide escolher uma forma de vida singular, à revelia de influências, de modas e das mais variegadas pressões, estará, provavelmente, condenada ao fracasso. As regras de conduta que insidiosamente espartilham as suas acções, a subtil manipulação dos seus pensamentos, as informações que subliminarmente a invadem revelam-se tão (ou mais) restritivas e punitivas (embora de maneiras diferentes e inesperadas) como as que condicionaram as suas avós, bisavós e outras antepassadas, em épocas mais e mais distantes.

A televisão, as redes sociais e outras formas de comunicação, apesar de benéficas num mundo globalizado e em constante mudança, são, vistas de outra perspectiva, veículos ditatoriais de opiniões, tendências e hábitos, vozes estridentes a vociferar contra a liberdade de acção, subtis e alarmantes ferramentas que contrariam o impulso da criatividade e a expressão de qualquer pensamento original. Ao dar-mos conta do défice de «génios» no actual universo criativo – sim, porque hoje em dia o mundo pertence aos economistas e aos políticos, quiçá duas das profissões menos *sexy* e inventivas

da galáxia – compreendemos que é difícil encontrarmos um Rembrandt ou um Tolstói, um Da Vinci ou um Joyce, uma Gentileshi ou uma Woolf, num mundo em que quase tudo é programado, copiado e repetido e em que o dever e o haver são as maiores preocupações das pessoas, sejam elas as mais banais ou as mais sofisticadas.

Dito isto, e uma vez que se vai falar de uma determinada jovem que não podemos classificar *a priori*, é possível que estejam já a desviar os olhos destas linhas, considerando-as desadequadas, num tempo em que tudo o que funciona ao arpejo do progresso e dos picos mais altos da fama e do proveito, é imediatamente catalogado como conservador, reaccionário, castrador e, por estas válidas razões, passível de ser ignorado.

Ana Teresa – porque é dela a história – aspirava a um estado de conhecimento diferente do da maioria. No entanto, o caminho que decidira tomar, o de valorizar a sua própria banalidade, de tal forma que nada, nem ninguém, se lhe pudesse comparar, afigurava-se espinhoso. Na sua condição de jovem mulher, sopesava as suas decisões e punha em causa, continuamente, a possibilidade de conciliar a sua vida social, isto é, a relação com os seus semelhantes, com o seu espaço, com os seus projectos e justos anseios. Desde criança que decidira percorrer a trajectória da existência com um propósito que esperava que fosse nobre e digno; mas antevia uma caminhada árdua, ao longo da qual desejava, também, ardentemente, encontrar o amor e o seu lugar no mundo, sem a permanente imposição de conselheiros, psicólogos, ditadores de gosto em todas as áreas, a perorarem sedutora e insidiosamente nos meios de comunicação e nas redes sociais.

As trocas de impressões rápidas nos chats visavam sempre os mesmos temas, repetiam as mesmas perguntas, papagueavam respostas pouco inspiradoras. Ana Teresa dava-se

conta de que a «diferença» – fosse ela qual fosse – estava permanentemente sujeita ao escrutínio público, provocando manifestações de repúdio, levando a uma subtil exclusão ou, pior ainda, a uma inclusão distante e condescendente. O exercício crítico das situações e a análise das emoções carregavam a bagagem da arrogância e do snobismo que ela não desejava que lhe fosse atribuída.

Quando ingressou na faculdade, em Lisboa, após ter terminado o secundário com veloz eficácia e sem grande esforço, num colégio privado – onde placidamente se adaptou ao ritmo do ensino, das amizades fugazes e da desprendida disciplina – convenceu-se de que tudo estava prestes a mudar. Mas o passe de mágica, a reviravolta essencial, o salto para a maturidade (que fantasiara como um processo automático), não se deu como antecipara; muito pelo contrário! Foi difícil entender os novos códigos, no volátil e complexo sistema universitário, e passou quase tanto tempo a tentar compreendê-los – depois de destruir conscienciosamente e com um alívio vitorioso os que lhe tinham sido impostos no colégio – quanto o que dedicou ao estudo.

Desde pequena que Ana Teresa mostrava preferências diferentes das da maioria das meninas da sua idade. Apreciava a solidão e gostava de estudar, o que, só por si, a distinguiu dos demais. No entanto, disfarçava tais idiossincrasias tanto quanto podia. Era obviamente estranha, bizarra, diferente da norma, do aceitável e muito menos de uma cultura pop, arreigada à facilidade e à superficialidade; mas não queria ser olhada como uma rebelde – não o era – nem como uma excêntrica – não sabia que o era – nem como alguém que se considerava superior – não se considerava.

A sua reserva não era fruto da timidez mas sim do hábito. Não era avessa ao contacto com os outros e, muito menos, uma eremita. Mantinha o seu grupo de amizades, sociabilizava tanto quanto possível e tentava interessar-se pelos assuntos que também interessavam aos da sua geração. Prezava os encontros, as conversas, as aproximações, embora guardasse, sempre intocado e envolto em sombras benfazejas, uma certa porção do seu ser. Nesta forma de estar, confrontava-se, a cada dia, com paradoxos, com a insondável tensão entre liberdade e igualdade. Se, na roda das amizades, se combinava, por exemplo, sair à noite e cada uma das pessoas, em rápida sequência, acedia a juntar-se ao grupo – livremente, «democraticamente» – a sua pontual recusa em seguir o mesmo caminho era olhada como desagradável e despropositada, deixando no ar uma certa desconfiança em relação à sua pessoa, algo não palpável mas definitivamente inquietante. Depois, a vida continuava como se nada se tivesse passado, embora Ana Teresa questionasse a utilidade e o proveito de tais dinâmicas sociais. No entanto, por muito que procurasse, não conhecia outras e, por essa razão, mais cedo ou mais tarde, deixava-se levar pela corrente.

Quando finalmente terminou a licenciatura, vários acontecimentos transformaram por completo a sua vida e a sua maneira de pensar. A plácida rotina que mantivera, e que tão bem lhe servia os propósitos, estava prestes a desintegrar-se. Nada fazia prever que a partida para Londres, cidade onde nascera e que lhe era familiar, pudesse alterar tanto e de forma tão profunda o rumo da sua existência.



## A heroína apresenta-se

ANA, DE SEU NOME COMPLETO Ana Teresa Mendes DeWelt, portuguesa de origem holandesa, descendente de um pensador menor dos Países Baixos, não era um fantasma nem uma figura de romance. Era um ser de carne e osso, uma mulher ávida de conhecimento, tão sujeita à pressão atmosférica, aos ventos, às marés, às fases da Lua, às mudanças climáticas, aos ciclos do tempo, do corpo e da mente, como qualquer outro ser do sexo feminino, habitante do planeta Terra.

Atravessara os turbulentos anos universitários com algumas dificuldades, mas evitando percalços de maior, depois de uma infância tranquila, sem grandes choques emocionais, com o conforto e a estabilidade perfeitamente adequados à sua natureza mansa, pouco dada a entusiasmos desnecessários. Na adolescência, passara pelas angústias e tristezas próprias da idade, atenuadas por dois factores importantes: tinha sido criada pela avó, em quem confiava, com uma fé absoluta; e descobrira muito cedo que amava de tal forma os livros e a leitura que nunca se sentia desamparada ou só.

Apesar da óbvia frescura da juventude, a sua aparência não chamava imediatamente a atenção, e era preciso algum tempo para que reparassem nela. Não era uma beldade, de acordo com os padrões da segunda década do século XXI, mas

as amigas e os amigos da avó gabavam-lhe a boca bem desenhada e disponível para sorrisos rasgados, a vivacidade do olhar escuro e profundo e a pele lisa, embora um pouco baça. Apesar de pouco dada a manifestações histriónicas – não apreciava o protagonismo tão definidor da sua época –, acabavam por gostar dela, ou assim lhe parecia. Era independente, simpática e, com o tempo, perfeitamente capaz de fazer amizades. A sua inteligência e perspicácia eram mencionadas amiúde como modelos a seguir.

Por ser discreta e bem-educada não constituía uma ameaça nem causava rivalidades incómodas. As amigas confiavam-lhe os namorados quando não os podiam acompanhar, seguras de que eles beberiam um copo com ela, provavelmente até jantariam juntos ou iriam ao cinema ou a outro lugar, mas que não se sentiriam tentados a levá-la a casa ou a cair em situações embaraçosas.

Ana Teresa pertencia à classe média e vivera quase sempre em Lisboa, num apartamento que pertencia aos pais e já fora da sua avó. Recebia uma mesada – metade dada pela mãe e outra pelo pai – possuía um iPhone, um iPod e um iPad e tinha contas no Facebook, no Twitter, no Instagram, no Snapchat, não se alargando mais, para não sobrecarregar a agenda e ceder ao vício de se manter constantemente ligada a um tão grande número de pessoas, entre familiares e amigos, no entanto bastante inferior à média, se comparado com a gente da sua idade. Tinha – ou desejava vir a ter – um amante; tinha – estava segura de ter – um namorado; estava apaixonada – pensava estar – por um homem mais velho. Não sabia o que fazer de si própria. Não contava com ajudas externas mas confiava no seu bom senso. No entanto, não conseguia imaginar até onde ele a levaria.



Era filha única. Os pais, ambos cientistas, figuras ausentes, embora protectoras e amáveis, tinham providenciado para que nada lhe faltasse. O pai vivia em Sidney, onde se dedicava à robótica aplicada à exploração marinha, e a mãe, que se especializara na recuperação da retina, pesquisava incessantemente as maravilhas do olho humano, num laboratório, algures em Filadélfia. Viajavam continuamente, trabalhavam arduamente e, se Ana Teresa sabia que era amada por eles, cada um à sua maneira peculiar, tinha também a certeza de que não possuíam vocação parental. Com a avó paterna, Marianne DeWelt, uma senhora de pequenos olhos azuis, tez de porcelana e cabelo branco, bem preso numa espessa trança que lhe deslizava pelas costas abaixo e ondulava como uma cobra albina quando ela andava, estabelecera, desde a mais tenra infância, uma relação de proximidade e cumplicidade que lhe preenchia, quase por completo, as possíveis carências afectivas. Marianne era dinâmica, tinha uma bela voz e ideias bem definidas e, na sua qualidade de humanista ferrenha – ou não tivesse sido ela uma das primeiras hippies, na Europa! – mantinha uma postura de combatente, nunca virando as costas aos apelos mais prementes na luta pela liberdade e pelos direitos humanos. Participava em marchas sindicais, não falhava um 1.º de Maio, fazia voluntariado e assinava petições. Considerava a neta uma burguesa, pouca activa na defesa das grandes questões sociais, mas nunca lhe tentou incutir as suas opiniões e escolhas. Cuidava da sua educação com um sentido de dever irrepreensível, que contrariava a sua natureza rebelde e nómada.

No entanto, e apesar da estreita convivência e do amor que existia entre ambas, resolveu partir para a Holanda, logo

após Ana ter terminado o curso. Não foi uma decisão fácil mas Marianne há muito que se aborrecia em Portugal. À neta, que disfarçava a tristeza, explicou que sentia a falta de outra atmosfera, do céu baixo e sombrio, do mar da cor de chumbo derretido, dos campos de tulipas na Primavera, dos mistérios encerrados em museus; dizia estar encandeada pela luz de Lisboa que cegava os seus olhos demasiado claros.

Com a partida da avó, Ana Teresa ficou só no apartamento sombrio nas Avenidas Novas, de onde podia ir a pé para a faculdade e para a Fundação Gulbenkian, cujos jardins a recebiam com o seu peculiar e pungente odor a terra fresca e a flores pisadas, onde lia e descansava, principalmente no Verão, quando, estirada na relva, acompanhava com o olhar os aviões a deslizar, atroando os ares, na descida final para a pista de Lisboa. Era um bairro familiar, com pequenas lojas e pastelarias – onde a avó costumava levá-la, em criança –, embora os vizinhos mal se conhecessem e fossem todos mais velhos que ela.

Parava pouco naquela casa estranhamente imutável, onde reinava um silêncio apaziguador, um lugar que sempre lhe parecera sólido e acolhedor. Quando, na adolescência, convidava por vezes as companheiras do colégio para dormirem lá, estas mostravam-se sempre pouco à vontade com a ordem penumbrosa do seu quarto, a sala de jantar com a mesa oval e as cadeiras de espaldar alto, os talheres de prata e as refeições animadas pelas perguntas insistentes de Marianne, as toalhas demasiado felpudas na casa de banho, a perfeita arrumação dos objectos. Na verdade preferia ser ela a dormir nas casas – bem mais fascinantes – das suas amigas, sentindo-se sempre ligeiramente embaraçada pelas características da sua morada, que lhe pareciam bastante fora de moda, embora reconfortantes.

Naquele apartamento recebia os pais, quando eles passavam por Lisboa e ocupavam naturalmente o quarto maior, que se mantinha intocado. Havia uma empregada que a vira crescer e se preocupava com a «menina» que ora andava a vadiar, ora se fechava em casa a ler, uma actividade que, aliás, ela, a empregada que se considerava fiel, achava pouco saudável e nada de acordo, no seu sólido entender – formado por incontáveis novelas que seguia atentamente na televisão –, com os padrões de uma casa como aquela.